



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TÁSSIA APARECIDA VIEIRA MORAIS

EXPERIÊNCIA COLETIVA COM O ENSINO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO
NO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
/UFT

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

TÁSSIA APARECIDA VIEIRA MORAIS

EXPERIÊNCIA COLETIVA COM O ENSINO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO
CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT

Projeto de TCC apresentado ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT, como um dos pré-requisitos para aprovação na matéria de Projeto de TCC, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M827e Moraes, Tássia Aparecida Vieira.

Experiência coletiva com o ensino em estágio supervisionado no curso de pedagogia do câmpus universitário de Miracema/UFT. / Tássia Aparecida Vieira Moraes. – Miracema, TO, 2021.

40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2021.

Orientador: Márcio Antônio Cardoso Lima

1. Experiência. 2. Pesquisa. 3. Documentos/relatórios. 4. Estágio Supervisionado. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TÁSSIA APARECIDA VIEIRA MORAIS

EXPERIÊNCIA COLETIVA COM O ENSINO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO
CURSO DE PEDAGOGIA DO CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT

Monografia avaliada e apresentada ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT, curso de Pedagogia, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20/01/2021

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima, orientador, UFT



Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira, examinador, UFT



Prof.(a) Dr.(a). Layanna Giordana Bernardo Lima, examinadora, UFT



Prof.(a) Dr.(a). Maria Irenilce Rodrigues Barros, examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Foram muitos que me ajudaram à conclusão deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos...

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de finalização do curso de Pedagogia.

À minha família, minhas irmãs: Cezareia, Terezinha e Kerytta; e, principalmente, pela minha mãe, **Joanice do Nascimento Vieira**, pelo exemplo de vida e, incentivo que sempre me deu em relação aos meus estudos e à vida.

Tenho, também, gratidão ao meu amigo Evado, por sempre está por perto, ajudando-me e apoiando-me desde o início da universidade.

Ao pessoal do Hospital Regional de Miracema: Adriana, Evânio, Luiza e Socorro, que me auxiliaram em termos tecnológicos e *xerox*. Meus padrinhos Lina e Renato que sempre esteve comigo me dando conselhos.

Ao meu amigo e companheiro de curso, Marciano, pela amizade, companheirismo durante o curso; e, ao meu namorado Cleomilson, pela confiança depositada em mim.

Agradeço, também, ao professor Márcio Antônio Cardoso Lima, por aceitar a orientação deste trabalho e orientar-me com sabedoria.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais amplo pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação, ou seja, à prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. (LIBÂNEO).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a reflexão/sistematização das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado das turmas de concluintes 2018/2 e 2019/2. Ele foi construído num processo de formação conduzida pela pesquisa qualitativa, apropriando-me dos documentos/relatórios do Setor de Estágio do *campus* Universitário de Miracema/UFT, pois, analisa de forma mais clara as três áreas educacional: Urbana, Indígena e Campo. Trago para contribuir com a minha pesquisa quatro monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciado no curso de Pedagogia (Licenciatura) do *Campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008); Silva (2009); Neves (2011) e Oliveira (2018). Utilizei nesta experiência com o ensino a metodologia que engloba três procedimentos: a pesquisa qualitativa, como se faz uma leitura hermenêutico-filosófica e, o que é um relatório. Como fundamentação teórica utilizei Rohden (2004) que, além de nortear meu exercício como pesquisadora, também contribuiu para meu conhecimento acadêmico. Por fim, minhas opiniões sobre o Estágio Supervisionado. A parte prática do nosso curso possui inúmeros problemas, mas, não posso deixar de mencionar o enorme aprendizado que tive durante o estágio, pois ensinar é uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo que ensino, aprendo.

Palavras-chave: experiência. Pesquisa. Documentos/relatórios. Estágio Supervisionado.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo la reflexión/sistematización de las experiencias vividas durante la práctica de los egresados 2018/2 y 2019/2. Se construyó en un proceso de formación realizado mediante investigación cualitativa, apropiándose de los documentos/informes del Sector de Prácticas del *Campus* Universitario de Miracema/UFT, que analiza con mayor claridad las tres áreas educativas: Urbana, Indígena y Campo. Traigo para aportar con mi investigación cuatro monografías sobre la práctica vivida en el curso (Licenciatura) de Pedagogía en el *Campus* Universitario de Miracema/UFT: Jesús (2008); Silva (2009); Neves (2011) y Oliveira (2018). En esta experiencia docente utilicé la metodología que engloba tres procedimientos: investigación cualitativa, como hacer una lectura hermenéutico-filosófica y, que es un informe. Como fundamento teórico utilicé Rohden (2004) que, además de orientar mi ejercicio como investigador, también contribuyó a mi conocimiento académico. Finalmente, mis opiniones sobre la práctica. La parte práctica de nuestro curso tiene numerosos problemas, pero no puedo dejar de mencionar el enorme aprendizaje que tuve durante la práctica, ya que la enseñanza es una calle de doble sentido, pues, al mismo tiempo que enseño, aprendo.

Palabras-clave: experiencia. Investigación. Documentos/informes. Práctica con la enseñanza.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS	9
2 EXPERIÊNCIAS COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/TO	11
2.1 Deuselina Ribeiro de Jesus (2008).....	11
2.2 Marinalva Alves da silva (2009)	14
2.3 Raimunda Claudia Loiola das Neves (2011)	16
2.4 Bruna Oliveira (2018).....	18
3 METODOLOGIA.....	21
4 O QUE OS CONCLUINTE DE 2018/2 E 2019/2 PENSAM SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT	24
4.1 Turma 2018/2	24
4.1.1 Relatos das experiências no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	25
4.1.1.1 A primeira etapa do estágio: área urbana.....	25
4.1.1.2 A segunda etapa do estágio: área indígena	27
4.1.1.3 A terceira e última etapa do estágio: escola do campo.....	30
4.2 Turma 2019/2	32
4.2.1 Relatos das experiências no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	34
4.2.1.1 A primeira etapa do estágio: área urbana.....	34
4.2.1.2 A segunda etapa do estágio: área indígena	35
4.2.1.3 A terceira e última etapa do estágio: escola do campo.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Este trabalho tem como objetivo a reflexão/sistematização das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado das turmas de concluintes 2018/2 e 2019/2. Ele foi construído num processo de formação conduzida pela pesquisa qualitativa, em apropriação dos documentos/relatórios do Setor de Estágio do *Campus* Universitário de Miracema/UFT, em exposição, ali, das três áreas educacionais: Urbana, Indígena e Campo. Neste sentido, para que o leitor compreenda os caminhos percorridos desta pesquisa, passarei para o anúncio dos capítulos, em demonstração, assim, das etapas percorridas.

No primeiro capítulo apresento quatro monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciado no curso de Pedagogia (Licenciatura) do *Campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008), Silva (2009), Neves (2011) e Oliveira (2018). Estas autoras tratam, especificamente, da problemática do Estágio Supervisionado, onde me levaram à reflexão sobre como está sendo trabalhado o Estágio Supervisionado. Ajudaram-me, desta forma, a entender as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

No segundo capítulo consta a proposta metodológica que engloba três procedimentos: a pesquisa qualitativa; como se faz uma leitura hermenêutico-filosófica e, por fim, o que é um relatório. Início pela pesquisa qualitativa, onde seu foco principal é analisar aspectos mais profundos e, descrever com mais precisão o comportamento humano. Neste sentido, estuda suas particularidades e experiências individuais de um determinado grupo escolhido, fazendo, assim, o pesquisador ser sujeito e objeto de suas pesquisas. Na leitura hermenêutico-filosófica, ler é interpretar, compreender e traduzir, e, o leitor, enquanto intérprete, não procura, simplesmente, “decifrar” o sentido do texto, mas, evidenciá-lo para que possa ser lido várias vezes. No tópico referente ao relatório, sublinho que é documento utilizado para informar ou noticiar sobre qualquer assunto; e a informação de um conteúdo e, assim, fornece esses dados e explicações ao seu destinatário para que ele se inteirar sobre o que se trata.

No terceiro capítulo sistematizei as experiências realizadas com as turmas de concluintes 2018/2 e 2019/2. O objetivo principal deste capítulo está centrado em conhecer as realidades do ensino-aprendizagem nas áreas: Urbana, Indígena e Campo. Apresentei os dados coletados através dos documentos/relatórios coletados no Setor de Estágio.

Deste modo, no trabalho aqui apresentado, retratei, não apenas, uma realidade escolar da qual já tinha conhecimento; mas, sim, dos demais lugares de educação e, concomitantemente, as expectativas em relação ao Estágio Supervisionado; em indicação, também, das mudanças no curso de Pedagogia, principalmente, o Estágio Supervisionado. Do

trabalho realizado, é fato que encontrei no estágio um espaço privilegiado onde tive a oportunidade de conhecer as várias realidades existentes onde se localiza o *Campus* Universitário de Miracema/UFT.

CAPÍTULO I

2 EXPERIÊNCIAS COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO *CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/TO

A princípio apresento quatro monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciados no curso de Pedagogia (Licenciatura) do *Campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008); Silva (2009); Neves (2011) e Oliveira (2018), em indicação, também, de tal temática como objeto de minha investigação.

2.1 Deuselina Ribeiro de Jesus (2008)

Deuselina Ribeiro de Jesus (2008) iniciou-se seus estudos em 2005, no curso de Pedagogia/Licenciatura, o que fez com que a pesquisadora notasse as diferentes atividades formativas do currículo como: disciplinas; atividades de extensão, de pesquisa e simpósios. Porém, sentia falta da articulação da discussão teórica com as vivências realizadas nas escolas durante as fases de observação e diagnóstico e, ainda mais, na fase de regência.

A monografia está estruturada em quatro capítulos, onde, o estudo é de cunho qualitativo, com o objetivo de: *compreender o papel do estágio supervisionado na formação do pedagogo a partir da visão dos diferentes atores envolvidos com o estágio na turma de concluintes do Curso de Pedagogia da UFT/Campus de Miracema em 2008/2.*

No primeiro capítulo, a pesquisadora traz-nos uma leitura histórica do surgimento do curso de Pedagogia em Licenciatura no Brasil, situando movimentos no ponto de vista de sua construção legal, a partir do MEC. Contudo, sua intenção não era de contar a história do curso de Pedagogia no Brasil, mas de apresentar alguns elementos que contribuíram para a construção e, conseqüentemente, para os problemas de sua identidade e, em seguida, mostrar a estruturação do *Campus* Universitário de Miracema/UFT.

Seu estudo se inicia com a criação das universidades que contribuíram para fortalecimento dos debates em relação às mudanças na educação, para que esta se adequasse às exigências da sociedade urbanizada e em franco processo de industrialização, o que de fato é interessante no governo Vargas (1930-1945), o modo como promovia industrialização no país, como nos mostra com o Estado Novo (1937-1945), e, como o primeiro marco, a construção da Universidade de São Paulo, em 1934.

Já em relação à criação do *Campus* Universitário de Miracema/UFT, em especial, o curso de Pedagogia em Licenciatura – UFT voltou ao passado e falou da criação do Estado do Tocantins, em decorrência da Constituição de 1988, com o desmembramento do Estado de Goiás e de quando a UFT era Unitins.

A UFT enquanto instituição de ensino superior não nasceu do zero. Quando a Constituição Federal de 1988 instituiu o desmembramento do Estado de Goiás, foi possível perceber as dimensões do abandono que a região estava submetida, pois, não havia ensino superior público, somente faculdades particulares isoladas, na cidade de Porto Nacional, Gurupi e Araguaína, que mantinham cursos na área de humanas e, principalmente, focados na formação de professores. Mesmo assim, os sistemas de ensino no Estado careciam de pessoas habilitadas.

Com o desmembramento do Estado de Goiás, o Estado do Tocantins teve, como sua primeira capital, a cidade de Miracema do Tocantins, o que fez com que o governo criasse uma universidade estadual em 1990, denominada Unitins – Universidade do Estado do Tocantins –, e autorizada a funcionar pelo Decreto nº 2.211/90. Foi criada como instituição *multicampi* e, implantada em 1991, com três *campi* em diferentes regiões do Estado: Tocantinópolis, Guaraí e Arraias e sua sede, a Reitoria, na cidade de Miracema do Tocantins, então capital do Estado. No mesmo ano foi realizado o primeiro concurso para docentes, aprovando vinte e um candidatos, que seriam responsáveis pela implantação dos três *campi* da universidade, com o objetivo de responder à demanda de formação do quadro docente da própria Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Tocantins. Com a união da Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Tocantins com a Unitins, criaram-se cursos denominados de “Regime Especial”, mas com o fim deles, o começo do fim da Unitins, fez com que começasse um processo de reconstrução da instituição e, para isto, fecharia alguns *campi*. Porém, o movimento estudantil da então Unitins, foi à luta para dar origem à criação e implantação de uma Universidade Federal. Com a nova instituição, uma estrutura *multicampi* nas mesmas condições da Unitins. Contudo, o *Campus* Universitário de Miracema não contava como um dos *campi* da recém-criada Universidade Federal do Tocantins, pois, a Reitoria da Unitins no processo de negociação enviou documentos em vista à extinção do *Campus* de Miracema do Tocantins, levando, então, a outra luta por parte da comunidade estudantil e política desta cidade, para que o *campus* fizesse parte da estrutura da UFT.

No segundo capítulo, a pesquisadora mostra concepções de Estágio Supervisionado, para melhor entendimento da sua importância no curso de Pedagogia em Licenciatura e, de sua essencialidade para a formação do pedagogo. Logo após, discute o Projeto Político

Pedagógico (PPP), do curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT, relacionado ao perfil do pedagogo, focando, principalmente, na docência, administração e supervisão. Para ela,

[...] o estágio supervisionado é o momento de nos aproximamos da realidade, e tentar entendê-la para poder compreender o processo de democratização da escola em seu contexto social atual. A intenção é proporcionar um campo de experiência que permita ao aluno a vivência com situação *[sic]* sociais concretas e o preparo efetivo do agir profissional, levando-o a uma reflexão/ação/ação/reflexão crítica da dinâmica usada em sala de aula. (JESUS, 2008, p. 39).

Para a educadora, o estágio é um dos pontos cruciais na formação do pedagogo, em que o aluno/estagiário põe em prática o conhecimento adquirido durante o desenvolvimento do curso, levando-o a uma das partes mais interessantes que é relacionar teoria e prática. Diz-nos, também, que a teoria e a prática caminham juntas e determinam o processo de trabalho do futuro educador, no seu modo de agir e pensar profissionalmente.

A pesquisadora deixa de forma explícita que o estágio não é apenas para cumprir formalidade de disciplina específica, e, sim, contribuição do conhecimento por parte dos discentes, em vista à criatividade e, principalmente, à independência.

No terceiro capítulo, ela descreve a experiência de Estágio Supervisionado da turma de concluintes de 2008/2, vivenciadas nas disciplinas *Investigação da Prática Educacional I, II, III e IV e Projetos da Prática Pedagógica I, II*.

As disciplinas em questão tinham um foco em relação à estrutura da escola, principalmente, na forma que se realizava o Projeto Político Pedagógico (PPP) e, compreender, o tipo de interação da escola com a comunidade, entre outros.

Deuselina Ribeiro de Jesus (2008) relata que durante o período de observação notou-se dois problemas: “dificuldades de domínio da leitura e a dificuldade da aprendizagem dos conteúdos matemáticos (as quatro operações)” (p. 60). Assim, como em qualquer outro estágio, informa-nos que os discentes tiveram dificuldades em articular a teoria com a prática, devido à falta de experiência em sala de aula.

Já no *Projeto de Intervenção* as atividades pareciam não ter sentido. O grupo de estagiário sentia que a instituição recebia-os por obrigação, pois, não acreditava que eles pudessem oferecer algo à escola. Porém, nas regências, realizaram atividades em vista ao desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem.

No quarto e último capítulo, teve dois objetivos: apresentar os dados da pesquisa de campo e, a partir desses dados (das falas) fez-se a análise do que pensam os docentes e

acadêmicos do *Campus* Universitário de Miracema/UFT e os integrantes da escola que foi realizado o Estágio Supervisionado.

Os dados foram coletados, usando o recurso do roteiro de entrevista, a qual envolveu: professores da instituição formadora; professores e coordenadores pedagógicos da escola pública que receberam alunos estagiários dessa turma e, por fim, discentes da turma de concluintes de 2008/2.

Partindo para as considerações finais, a pesquisadora mostra-nos que, no decorrer da experiência de estágio ocorreram dificuldades que estão presentes no curso de Pedagogia, como: as disciplinas de fundamentos e metodologias precisam ser trabalhadas antes do Estágio Supervisionado; a questão da teoria e a prática serem trabalhadas juntas desde o primeiro período; a questão de o estágio ser realizado em grupo, o que na realidade é totalmente fora de lógica em relação às escolas que temos. Em vista disto, vemos que a Universidade não está preocupada com o estagiário e, sim, com as atividades que eles irão desenvolver durante o Estágio Supervisionado.

Em continuidade aos trabalhos de TCC's referentes ao estágio, passarei à escrita de Silva (2009).

2.2 Marinalva Alves da silva (2009)

Marinalva Alves da Silva (2009) inicia seu trabalho sistematizando a experiência vivenciada nos três primeiros períodos do Estágio Supervisionado nas disciplinas: *Projetos da Prática Pedagógica I e II e Projetos da Prática em Supervisão Educacional*.

O labor foi construído através da investigação da ação/reflexão/ação. Ou seja, a pesquisadora optou por um método da pesquisa-ação, fundamentado em Lima (2006) e, para melhor desenvolvimento do trabalho utilizou a técnica de entrevista semiestruturada com base em Thompson (1992) e Pádua (2004). A monografia esta dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, a pesquisadora descreveu como ocorreu a elaboração e construção do projeto de estágio, em referência à construção de memorial no tocante à vida escolar. Para melhor compreensão do memorial, utilizou-se como fundamentação teórica Chauí (2003) e, a problemática da prática com o ensino no contexto do estágio, embasou-se em Freitas (2004).

Primeiramente, a turma fez o memorial, onde todos os acadêmicos apontaram suas dificuldades encontradas durante sua vida escola e, o que as afetavam até os dias atuais. Com

isto, destacaram que a dificuldade maior era de “leitura e interpretação” e, que, com base nisso, seria trabalhado a disciplina projeto de estágio.

O estágio foi dividido em dois momentos distintos: na creche, a qual, teve um pouco de dificuldade, pelo fato de estarem trabalhando com crianças que, ainda, estavam no processo de desenvolvimento cognitivo e, no ensino fundamental, optaram pelo 3º ano.

Diante das dificuldades que expostas em relação ao estágio, Silva (2009), mostrou que leitura é um requisito fundamental para inclusão do ser humano na sociedade, pois, o fato de ler pode fornecer ao leitor o acesso a inúmeras informações, e, além de desenvolver a criatividade, pode, também, despertar o interesse pela busca do conhecimento.

Para encerrar o capítulo utilizou-se a autoavaliação, através do escrevinhamento de uma carta, onde, cada membro do grupo, apreciou como ocorreu essa primeira fase nas atividades relacionadas ao estágio.

No segundo capítulo Silva (2009) resenha trabalhos de conclusão de curso que mostram a importância do Estágio Supervisionado para a formação do profissional da educação, principalmente, pelo fato de articularem a teoria com a prática. Os trabalhos utilizados foram: Borba (2007); Fernandes (2007); Vedove (2007); Rosa (2007a); Maciel (2007); Rosa (2007b) e Jesus (2008). Eles contribuíram para melhor visualização da realidade do estágio no curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Além disso, foram experiências vivenciadas em diferentes escolas, mas, que condizem com a realidade da sociedade que vivemos.

No terceiro capítulo sistematizou o trabalho realizado na creche no decorrer da disciplina *Projeto da Prática Pedagógica II*. Lá ela desenvolveu atividades com ênfase na leitura e, posteriormente, com alunos do 3º ano do ensino fundamental. E, para melhor desenvolvimento, utilizou, como embasamento teórico: Borges (2006) e Pinheiro (2006), que, tratam, especificamente, da formação do profissional da creche.

Para essa fase, a autora teve, como suporte teórico, Fiorentini & Lorenzato (2006), que a ajudaram a compreender como o investigador precisa agir no decorrer de sua pesquisa e nos processamentos dos dados. Neste capítulo, também, trabalho prático com as crianças da creche, levando em consideração o cuidar e o educar.

Por fim, o quarto e último capítulo apresentou o segundo momento da pesquisa através da experiência com a prática de ensino vivenciada na disciplina *Projetos da Prática em Supervisão Educacional*, além da efetivação de entrevistas semiestruturadas com os alunos de sua turma, em vista, à obtenção de informações precisas para desenvolver o labor com a leitura.

Além de contemplar as dinâmicas trabalhadas no decorrer das aulas, no sentido de propor-nos diferentes estratégias de leitura, a pesquisadora fez retrospectiva de todos os acontecimentos ocorridos nos três semestres do Estágio Supervisionado nas disciplinas: *Projetos da Prática Pedagógica I e II e Projeto da Prática em Supervisão Educacional, com posicionamentos* em relação a elas.

Depois de conhecer o trabalho de Silva (2009), avancei à transcrição do próximo trabalho que, também, contribuiu para meu aprendizado: Neves (2011).

2.3 Raimunda Claudia Loiola das Neves (2011)

Raimunda Claudia Loiola das Neves (2011) elabora seu trabalho de conclusão de curso com base na experiência realizada no decorrer da disciplina *Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, numa escola municipal da cidade de Miracema do Tocantins – TO, no segundo semestre de 2009. Sua proposta metodológica engloba três procedimentos: trabalho de intervenção, a entrevista e a problemática ética. De início informa que, as escolas “[...] por muitas vezes têm se negado a aproveitar o conhecimento de mundo do seu educando para relacionar os conteúdos com a realidade social do seu aluno” (OLIVEIRA *apud* NEVES, 2018, p. 16).

A monografia está organizada em três capítulos. O primeiro mostra como se deu a construção dos primeiros encaminhamentos adotados para a pesquisa, que foi através da construção de memorial na disciplina *Projeto de Estágio* que tinha como finalidade relatar suas experiências a respeito de sua educação no Ensino Fundamental. Experiências que foram de extraordinária importância para reflexão de sua prática como futura pedagoga, pois, através disto, que ela começou a buscar alternativas que superassem o modelo de ensino condenado ao fracasso. Com isto, optou por proposta pedagógica com base na educação progressista.

A pesquisadora neste momento faz retrospectiva sobre as concepções pedagógicas em três abordagens: Escola Tradicional, Escola Nova e Escola Progressista. Na Escola Tradicional os principais representantes são: Alain (Émile Chartier), Jean Châteauneuf e Émile Durkheim. Esta concepção é transmitir os saberes constituídos, ou seja, a escola repassa de forma rígida os conhecimentos ao aluno.

Já a Escola Nova tem como principais representantes: John Dewey, Jean-Jacques Rousseau, Jean Piaget, entre outros e tem como finalidade levar o aluno ao conhecimento de forma livre e espontânea, deixando-o mais ativo.

A terceira e última concepção pedagógica é a Educação Progressista que tem como principais representantes: Georges Snyders, Bogdan Suchodolski, Bernard Charlot, Dermeval Saviani, entre outros. Ao contrário das concepções anteriores, esta trabalha de forma que o professor e aluno interajam juntos, ou seja, a Educação Progressista não torna o professor o centro das atenções, e nem um mero facilitador, mas, sim, um orientador, que trabalha de forma ativa e interativa.

No segundo capítulo, Neves (2011) faz estudo de trabalhos de conclusão de curso que mostram a experiência com o Estágio Supervisionado vivenciados no curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Os trabalhos utilizados foram: Carvalho (2009); Castro (2009); Barreira (2009) e Silva (2009). Os dois primeiros tratam do ensino com enfoque no lúdico na Matemática, ou seja, o professor deve buscar método de aprendizagem que seja alternativa adequada à realidade dos alunos. Deste modo,

É necessário e imprescindível que o educador conheça e explore todos os elementos da realidade infantil, proporcionando à criança a liberdade para expressar sua imaginação, criatividade, manipular os objetos. Uma forma que crie uma situação de aprendizagem que se torne significativa para a vida da criança, pois é diante de situações, como ver, sentir, tocar e manusear um objeto, que proporcionam um novo descobrir sobre sua realidade. Pois estas atividades favorecem a relação entre a criança e os elementos da sua realidade, ao mesmo tempo em que desenvolvem o lado intelectual. (NEVES *apud* CASTRO, 2009, p. 54).

No decorrer do texto ela destaca questões que têm sido alvo de críticas, como: *ênfase na memorização, aprendizagem pela repetição, questões descontextualizadas, exercícios de fixação, entre outros*. Infelizmente não mudou muito, pois, os métodos utilizados continuam os mesmos como: aulas repetitivas, profissionais da educação que apenas reproduzem ano a ano o mesmo conteúdo, aulas monótonas dentre outras.

Já os trabalhos de Barreira (2009) e Silva (2009) tratam do ensino com enfoque na prática da leitura, onde elas contam sobre o processo de apresentação do memorial referente à educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e as dificuldades relacionadas ao processo de leitura e interpretação de texto. As autoras constataram que as dificuldades na leitura e interpretação de textos advêm do ensino fundamental, o que afetava, sobremaneira, o grupo de estágio.

Deste modo, o esforço por mudanças materializadas em atitudes nem sempre aplicadas com êxito, mas que, todavia, demonstram a vontade de realizar um “novo” projeto com vista à valorização do sujeito, do diálogo e, da participação do aluno na apreensão e construção do conhecimento.

No último tópico, Neves (2011) narra sua experiência com o Estágio Supervisionado realizado no 3º e no 5º ano do Ensino Fundamental e, relata os problemas encontrados durante o estágio, como: a dificuldade de manter as crianças calmas, pois, foi difícil utilizar todo o horário de aula e foi desesperador saber que o que planejou era insuficiente para o tempo que ainda restava.

Também são apresentadas as entrevistas realizadas com a diretora e a coordenadora da escola, além da avaliação da sua prática. Ressalta a importância da avaliação, pois, assim, saberia lidar com as críticas, que serviram para repensar a prática e novas possibilidades de ensino.

Em finalização desta etapa, encaminho-me, a seguir, ao trabalho de Oliveira (2018).

2.4 Bruna Oliveira (2018)

Bruna Oliveira (2018) elaborou seu trabalho de conclusão de curso em três capítulos. O estudo foi de cunho qualitativo e entrevista estruturada e, teve como objetivo *apresentar a sistematização da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado, nos anos iniciais da turma de concluintes 2017/1*. Utilizou como suporte teórico: Marconi & Lakatos (1986), Gerhardt & Silveira (2009) e Poupart (2008), no intuito de compreender como o pesquisador deve agir antes e durante sua pesquisa e no processamento dos dados obtidos. Já para a compreensão do que se tratava o Estágio Supervisionado, fez as seguintes leituras: Freitas (2009), Pimenta; Lima (2009) e Amorim; Bezerra; Corsino (2016).

No primeiro capítulo, Oliveira (2018) fez estudo de alguns dos trabalhos de conclusão de curso que mostra a importância do Estágio Supervisionado para a formação do profissional da educação, principalmente, pelo fato de articulação dialética teoria e prática. Os trabalhos utilizados foram: Jesus (2008); Silva (2009) e Neves (2011), que contribuíram para entender a realidade do estágio no Curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Além disso, foram experiências vivenciadas em diferentes escolas e, que condizem com a realidade da sociedade que vivemos.

Já no segundo capítulo, a pesquisadora abrange duas propostas metodológicas: a pesquisa qualitativa e a entrevista estruturada e, para melhor entendimento fez um esboço de cada uma, iniciando pela pesquisa qualitativa.

Para ela, a pesquisa qualitativa preocupa em interpretar aspectos mais profundos e, descrever com mais precisão o comportamento humano. Neste sentido, esta não está

obsessionada com a representação numérica, mas, sim, em compreender o comportamento de determinado grupo social escolhido.

Em vista da viabilização do trabalho, fez-se o uso do instrumento denominado entrevista, onde escreve, resumidamente, sobre entrevista não dirigida e entrevista estruturada. A entrevista não dirigida baseia-se na realidade do entrevistado, o qual, é solicitado, a falar abertamente a respeito do tema pesquisado. Ou melhor, se assemelha a uma conversa normal.

Já a entrevista estruturada tem como objetivo coletar informações importantes e de compreender concepções e experiências dos entrevistados, pois, “[...] pouco importa sua forma, sempre foi considerada como um meio adequado para levar uma pessoa a dizer o que pensa, a descrever o que viveu ou o que viu, ou aquilo de que foi testemunha”. E, para que isso ocorra, “[...] as perguntas devem ser simples e diretas, perguntas complexas e de duplo sentido devem ser evitadas, e é necessário que o entrevistador passe segurança para o entrevistado, demonstrando conhecimento sobre o que está sendo pesquisado, e não mais importante, demonstrando respeito pelos participantes da pesquisa” (POUPARD *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 22). Ou seja, a entrevista segue um pré-roteiro, onde o entrevistado é conduzido a falar apenas o que o entrevistador tiver interesse. Com isto, o sucesso de uma entrevista vai depender muito da forma como ela é articulada e elaborada.

No terceiro e último capítulo, a pesquisadora teve como objetivo principal compreender *qual o papel do Estágio Supervisionado na formação do professor e*, apresenta os dados de pesquisa qualitativa realizada com a turma de concluintes de 2017/1, relatando a análise da experiência de estágio e, por fim, apresentando algumas contribuições sobre o estágio em relação ao *Campus* Universitário de Miracema/UFT e as escolas.

Bruna Oliveira (2018) utilizou o recurso da entrevista estruturada, elaborando, assim, nove perguntas em relação à experiência vivenciada pela turma de 2017/1: 1 - o período de observações e regências do estágio foi suficiente para formar um bom professor?; 2 - durante a atuação no Estágio Supervisionado, o estudante se deparou com alguma situação em que a teoria aprendida na Universidade não contribuiu para o exercício da prática?; 3 - as disciplinas de fundamentos e metodologias contribuíram para o trabalho no estágio?; 4 - as teorias aprendidas no decorrer do curso foram desenvolvidas satisfatoriamente no estágio?; 5 - como é desenvolver uma aula para alunos reais, e não para alunos e escolas idealizados nos livros acadêmicos?; 6 - as atividades trabalhadas durante as regências contribuíram com a formação dos alunos da escola?; 7 - qual reflexão o estagiário chegou ao final das regências do estágio?; 8 - levando-se em consideração as experiências com Estágio Supervisionado e todas as

disciplinas estudadas no decorrer do curso, eles se consideravam profissionais competentes para atuarem dentro da sala de aula?; e, por fim, 9 - quais as recomendações os estagiários fariam para melhorar o estágio do curso?

As respostas dos alunos entrevistados indicaram que não ficaram satisfeitos com a carga horária das observações e regências do Estágio Supervisionado. Neste tópico, a pesquisadora afirmou que é impossível formar bons pedagogos com apenas dez observações e duas regências na educação infantil e pré-escola e, muito menos oito observações e oito regências no ensino fundamental.

Portanto, é importante salientar que, no campo educacional, deve haver uma articulação entre teoria e a prática, “[...], pois, a papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os” (PIMENTA; LIMA *apud* OLIVEIRA, 2018 p. 25). Salientaram, também, da necessidade do aumento da carga horária, do adequado acompanhamento por parte dos professores da escola e, também, os da universidade.

Avanço-me à etapa seguinte deste TCC, isto é, descrever a proposta metodológica que utilizarei para a construção desta pesquisa.

CAPÍTULO II

3 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de cunho qualitativo e, apropriar-me-ei dos documentos/relatórios no Setor de Estágio do *Campus* Universitário de Miracema/UFT, pelos discentes do ano 2018/2 e 2019/2. Informo que a leitura destes dados serão a partir do texto do Rohden (2004).

A leitura será feita para identificar se os alunos conseguiram dar conta de que o estágio se dá nestas três áreas educacionais (urbana, indígena e rural) e, se os relatórios que fizeram são relatórios. E, para melhor esclarecimento e entendimento, apresentarei esboço acerca do que é leitura hermenêutico-filosófica, segundo o autor citado acima.

Para início de nossa reflexão, a leitura está presente em todo momento de nossa vida, acordado, dormindo, trabalhando, ou até mesmo consciente ou inconsciente. O termo ler significa muito mais que decodificar letras ou números, digamos que ler significa interpretar, compreender ou traduzir.

Ao elaborarmos uma fenomenologia do ato da leitura, descobrimos que é possível dividi-la em diferentes níveis: pode ser uma leitura superficial ou atentamente; pode ser uma leitura informativa ou ontológica; pode ser feita a partir do indivíduo ou da coletividade; ou pode ser instrumental ou filosoficamente.

Segundo o texto citado há três regras necessárias para uma leitura: “a primeira, saber o que se deve ler; segunda, em que onde se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que ler depois; terceira, como se deve ler” (VÍTOR *apud* ROHDEN, 2004, p. 522).

Mas, enfim, o que significa ler? Para estudioso, “[...] ler já é traduzir e traduzir é traduzir mais uma vez” (GADAMER *apud* ROHDEN, 2004 p. 518). Ler é sempre um ato inconclusivo no sentido de que não há uma palavra final sobre a compreensão do sentido de um texto. Assim como não há uma palavra final sobre o sentido do texto, não há uma autoridade que “poderia nos impor uma leitura ‘correta’” (MANGUEL *apud* ROHDEN, 2004, p. 519).

Partindo, aqui, do fato de que há diferentes níveis e maneiras de se ler, nosso intuito imediato é caracterizar e ressaltar a leitura hermenêutico-filosófica. Mas, antes, explicitaremos os traços da leitura científica-instrumental.

Nesta, o leitor busca coletar frases, afirmações esparsas ou uma estrutura nos textos, encontrando nele apenas o que procura. Ou seja, ao fazer a leitura das partes o leitor perde de vista o contexto em que o texto foi escrito, e para quem foi dirigido o texto. Melhor dizendo, o

leitor perde a compreensão do todo, pois, realiza uma leitura superficial, deixando de perceber algo novo e diferente daquilo que já sabia.

Já, na leitura hermenêutico-filosófica, ler é interpretar, compreender e traduzir. No entanto, “o fenômeno da tradução é o próprio cerne da hermenêutica: nele se confronta a situação básica da hermenêutica, de ter que compor o sentido de um texto, trabalhado com instrumentos gramaticais, históricos e outros para decifrar um texto” (ROHDEN, 2004, p. 524). O texto precisa apresentar determinados traços para que possa ser lido hermeneuticamente, pois, o leitor, enquanto intérprete, não procura simplesmente “decifrar” o sentido do texto, mas evidenciá-lo para que possa ser lido várias vezes.

Mas, para que a leitura aconteça é necessário que o leitor saia da “sua terra”, e enfrente e assuma os riscos da viagem da leitura, criando assim dois mundos: “o mundo do texto e o mundo do leitor, e por consequência há sempre necessidade de que Hermes ‘traduza’ de um para o outro” (PALMER *apud* ROHDEN, 2004, p. 524).

Portanto, podemos dizer que, saber ler é saber ouvir aquilo que os textos têm a nos dizer. O leitor, ao recriar em si o que o texto oferece, não apenas procura ver o sentido, mas antes, precisa ouvi-lo.

O fenômeno da leitura está vinculado [...] com o ouvir e com o ver. Do ponto de vista antropológico, “quando falamos do ouvir e do ver em relação com o ler, não se trata de que haja que ver para poder decifrar o escrito, mas o que importa é que há que ouvir o que diz o escrito. Ter a capacidade de ouvir e ter a capacidade de compreender” (GADAMER *apud* ROHDEN, 2004, p. 533).

Podemos dizer que ler é uma “língua que se constitui polissemicamente, o que nos leva a concluir que não pode haver uma única leitura sobre determinada realidade” (ROHDEN, 2004, p. 538), pois, a leitura hermenêutica-filosófica difere daquela que vê apenas o que quer ver ou que lê apenas o que quer ler.

Esclarecerei, agora, o que é “relatório”. Este é um documento utilizado para “informar” ou “noticiar” sobre qualquer assunto.

Os relatórios de pesquisa, assim como os relatórios de outras atividades, não devem ser confundidos com o memorial. O relatório além de se referir a um projeto ou a um período em particular, visa pura e simplesmente historiar seu desenvolvimento, muito mais no sentido de apresentar os caminhos percorridos, de escrever as atividades realizadas e de apreciar os resultados – parciais ou final – obtidos (SEVERINO, 2007, p. 207).

Melhor dizendo, o relatório reúne toda informação de um assunto e assim fornece esses dados e explicações ao seu destinatário para que ele se informe sobre o assunto. Já em

relação a sua composição, geralmente apresenta o formato de uma pesquisa científica, à qual, relata, formalmente, os resultados ou progressos obtidos em investigação de pesquisa e desenvolvimento, dando informações suficientes para que o leitor trace conclusões e faça recomendações.

Após a explicitação da metodologia, movimento-me à exposição dos relatórios das turmas 2018/2 e 2019/2.

CAPÍTULO III

4 O QUE OS CONCLUINTES DE 2018/2 E 2019/2 PENSAM SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT

Este capítulo tem três objetivos: apresentar os dados de pesquisa qualitativa e a partir deles, analisar a experiência de estágio e, por fim, apresentar algumas contribuições do meu pensar sobre o estágio.

Tais dados foram coletados usando os documentos/relatórios que foram entregues no Setor de Estágio, pelas turmas de concluintes de 2018/2 e 2019/2.

4.1 Turma 2018/2

O Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no *Campus* Universitário de Miracema/UFT, para os alunos do 6º período de 2018/2 do curso de Licenciatura em Pedagogia organizou-se em três etapas: na área urbana, indígena e na zona rural, com o objetivo de enfatizar a aprendizagem em vários pontos do ensino, impondo, assim, crítica na prática e conhecendo a realidade concreta de cada segmento educacional.

Seguindo a pesquisa, a coleta de dados feita no Setor de Estágio, mostrou que a turma de 2018/2 era composta de 25 discentes, tendo em vista que 10 alunos fizeram o relatório de estágio, em dupla e, 5 alunos, individualmente.

A parte que se refere o estágio começou com a disciplina “Projeto de Estágio”, onde observamos as unidades escolares da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Quando fizemos esta matéria, voltamos no tempo para lembrar nossa trajetória escolar e escrevemos um memorial a respeito dela. Logo após, foi organizado um roteiro para atividade de inserção nas instituições educacionais, onde tínhamos que elaborar diagnóstico da instituição educacional a qual ocorreu o estágio e, encerraríamos com relatório de todos os momentos que tivermos durante o Projeto de Estágio.

No primeiro momento, a caracterização da unidade escolar. Reunimo-nos em grupo na sala de aula e debatemos sobre a história das duas instituições que visitamos; a localização delas; há quantos anos estavam em funcionamento; quantas turmas tinham cada instituição; número de crianças por turmas; a faixa etária dos discentes e, por fim, número de professores e suas formações. No segundo momento, o conhecimento da estrutura física e organização dos

espaços das instituições, em detalhamento do número de ambientes da escola, como: salas, bibliotecas, sala dos professores, coordenações, e outras salas das instituições. No terceiro momento, expusemos o papel das diretoras e das coordenações pedagógicas na educação infantil. No quarto momento, debatemos sobre as entrevistas com os professores das instituições, para saber: quais eram suas formações; quanto tempo eles lecionavam; o que o curso de Pedagogia tinha contribuído para sua atividade profissional; como era trabalhar com aquela faixa etária; se tinham algo a dizer para os futuros profissionais da educação e, por fim, discutimos e entregamos o relatório final da nossa observação numa sala de aula. Entretanto, não consta nenhum Projeto de Estágio no Setor de Estágio e, além disto, quem trabalhou a matéria foi substituído por outro no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Como citado anteriormente, o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi organizado em três etapas: urbana, indígena e rural. De início, já mostra que foi o oposto dos demais estágios, porém, não para por aí, pois, geralmente, os professores levam os acadêmicos até as escolas para uma ou duas observações, para terem ideia do que é a atuação dentro de uma sala de aula; depois partem para outra etapa que é a construção dos planos de aula e, por fim, prosseguem com somente uma regência. Entretanto, com esta turma não aconteceu desta forma, o que deixou a turma inteira em pânico, pois, já iniciamos com a regência e, só pararíamos no final do período e, por fim, teríamos que elaborar relatório descrevendo nossas experiências em relação ao trabalho realizado.

Para fundamentação e articulação do trabalho com o Estágio Supervisionado nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, amparamo-nos, teoricamente, em Barros (2018).

4.1.1 Relatos das experiências no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

4.1.1.1 A primeira etapa do estágio: área urbana

A experiência na área urbana foi feita em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Martins Nolêto, localizada no Setor Universitário, na cidade de Miracema do Tocantins – TO. No primeiro dia de aula, o professor/orientador informou-nos como seria o estágio e as datas dos encontros e, de como os professores das instituições auxiliar-nos-iam durante o trabalho. Logo após, direcionamo-nos ao coordenador da escola urbana, que nos deu as devidas informações em qual turma realizaríamos o estágio.

Retornamos, novamente, à universidade e começamos a elaboração dos planos de aulas. Quando chegamos à instituição de estágio, no setor urbano, não tínhamos ideia do que encontraríamos e, quedamo-nos apreensivos.

No entanto, foi tudo bem. Fomos bem recebidos pelos educandos, que nos deixaram mais confiantes. Foi bastante proveitoso, pois, assim como já citamos antes, não tínhamos ideia do que encontraríamos, pois, a escola tem histórico de alunos com muitas dificuldades. Mas, assim como em qualquer outra escola, a instituição tinha alunos com mais dificuldades, outros bem espertos e outros indisciplinados. Todavia, o nosso objetivo não era de expor os discentes, e sim de colocarmos em prática as teorias estudadas em sala de aula durante os seis primeiros semestres.

Os professores de cada sala a qual estávamos estagiando, propuseram que continuássemos com os conteúdos que já estavam em desenvolvimento. Foi, então, o que planejamos e, preparamos nossas aulas, de modo, que as crianças entendessem o que estava sendo exposto.

No entanto, percebemos que, dupla de estagiários identificou uma das dificuldades para o trabalho: a questão do horário de saída da escola. Cito, o RELATÓRIO 1, mas, também, presente noutros relatórios:

As aulas iniciavam as 07h00min [*sic*] e finalizavam às 11h35min, porém, não acontecia desta forma, pois, tanto os alunos que pegavam o ônibus escolar, e os alunos que os pais buscavam na escola, eram liberados quase sempre uma hora antes de terminar as aulas, impedindo assim o aluno de concluir seu conteúdo do dia.

Em continuidade, as dificuldades encontradas no estágio da *área urbana*, a questão da leitura e interpretação de texto, conforme os RELATÓRIOS 1 e 4:

[...] a questão das operações prontas eles conseguiam efetuar sem muitas dúvidas, mas quando passa [*sic*] para atividades problemas as dificuldades aparecem, pois os discentes não conseguiam interpretar as atividades. (RELATÓRIO 1)

[...] estávamos numa realidade em que a metade dos alunos não dava conta de ler um pequeno texto e tinham dificuldades na escrita. Além disso, alguns estavam na fase de silabação, todavia, cursavam o 4º ano do ensino fundamental. O que mostrou que a maior dificuldade daquela turma era de leitura e interpretação de texto. (RELATÓRIO 4)

Em continuidade às dificuldades, a forma que a sala se dividia, também, citada no RELATÓRIO 4, a qual, uma parte prestava atenção e a outra não. Com isso, vemos que as dificuldades encontradas não eram diferentes das demais escolas.

A sala era dividida em duas partes: uma o famoso fundão, que não prestava muita atenção por conta da conversa e os alunos que sentavam na frente para conseguir ter um entendimento, pois a conversa do fundão atrapalhava muito o desenvolvimento dos alunos que queriam aprender. (RELATÓRIO 4)

Num dos documentos, algo interessante, que é a questão dos assuntos comuns, frequentes, em sala de aula:

Confesso que este assunto nos deixou um pouco preocupado, pois, era um assunto tão comum. Ficamos com medo deles não terem interesse na hora que começássemos a falar sobre este assunto. Pensam que este medo seja o medo de qualquer outro professor. Iniciamos a aula falando sobre *lixo e reciclagem*, e porque era tão importante falar sobre reciclagem. Enquanto contava que um dos grandes problemas da contemporaneidade era o “lixo”, pois segundo o *site Fragmaq* “cerca de 500 gramas de lixo são produzidas por dia. O que na maioria das vezes são descartados de forma errada, sendo jogando em terrenos baldios, desenvolvendo nestes terrenos transmissores de doenças”. E isto fez com que a reciclagem fosse um meio de salvação para o meio ambiente. Percebi neste momento que toda a sala, sem exceção estava prestando atenção no que estávamos explicando, o que novamente nos surpreendeu. (RELATÓRIO 8)

Isto me mostra que, mesmo sendo um assunto corriqueiro, é sempre importante repassar, em vista, assim, à aprendizagem da criança.

Enfim, a primeira impressão da escola não foi agradável. Percebi que trabalhar o processo ensino-aprendizagem não é fácil; requer responsabilidade, pois, educar não é só chegar em sala de aula e fazer de conta que ensinou algo, mas sim, buscar meios para que o ensino seja exercido pelos estudantes. Dessa forma, é importante encurtar a distância entre professor e estudantes, rastreando, com isso, conhecer a realidade deles, e entender a diferenças que há entre as crianças; o modo como se comunicam ou interagem, ou melhor, mundo delas.

4.1.1.2 A segunda etapa do estágio: área indígena

Na segunda etapa do Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizou-se em parceria com a Escola Estadual Indígena Srêmtôwe, instituição localizada na aldeia (xerente) Porteira, no município de Tocantínia - TO. Antes de irmos à aldeia nossa turma foi dividida em dois grupos. Cada grupo realizou duas visitas.

No primeiro dia o grupo não tinha ideia quanto à escola indígena. Fomos, então, ali, em vista, à observação da sala de aula e, principalmente, para saber sobre a realidade da educação indígena. De início, algo chamou-nos a atenção: “era que quando tocava o sino para começar a aula todos os alunos iam diretamente para dentro da sala de aula, o que era

totalmente diferente quando tocava o sino da escola urbana que os alunos ficavam correndo nos corredores” (RELATÓRIO 8).

Além disso, os alunos eram tímidos – mas como não serem? -, afinal de contas, estávamos invadindo o território deles. Fomos bem recebidos pelos funcionários, que nos deixaram mais confiantes. Foi proveitoso, pois, conhecemos um pouco do que acontece na escola indígena e de como eles trabalham. Mas, assim, como em qualquer outra escola, tinha, também, alunos com dificuldades de aprendizagem, outros espertos e, outros, indisciplinados.

Na sala de aula na instituição indígena a professora e os estagiários da etnia Xerente trabalharam o conteúdo – *Formas de tratamento* –. Explicaram-nos, que era necessário, para que os mais novos nunca esquecessem suas origens, ou melhor, a cultura deles. A aula foi trabalhada na língua Akwê-Xerente. Todavia, saliento que a dificuldade maior do estágio foi em relação à linguagem, corroborado no RELATÓRIO 7:

Destaco aqui que nossa maior dificuldade na área indígena era a língua materna deles, pois, não tínhamos conhecimento algum de como repassar um conteúdo, e de como eles iriam interpretar nossa explicação. Pois, eram linguagens diferentes e, com isso os mesmo [*sic*] tinha dificuldade [*sic*] para traduzir. (RELATÓRIO 7)

Porém, como não sabíamos a língua Akwê-Xerente, dois de nossos colegas de estágio que eram daquela etnia, traduziam o que estava sendo exposto em sala para @s estagiari@s. Preparamos, então, as aulas, de modo que as crianças entendessem o que estava sendo exposto; contudo, não foi tarefa fácil, porque mesmo com nossos colegas indígenas fazendo a tradução, estávamos numa área que não tinha como língua materna o português. Na área indígena, conforme os educadores da instituição contaram-nos, as crianças começam a estudar o Português com 7 a 8 anos de idade. Com o tempo, têm mais conhecimento da língua e, isso faz com que entendam, razoavelmente, o que falamos e explicamos; todavia, como dissemos antes, não é uma tarefa fácil; porém, havia por parte do grupo, o cuidado com o que era dito, pois, a tradução de certa palavra pronunciada poderia ter outro significado.

Observamos nesta ida à escola da aldeia que, lá, o ambiente é diferente da escola urbana, pois, é aberto, sem aparência de prisão. Percebemos, então, que a instituição era, literalmente, a segunda casa deles, em que podiam ir e vir, tranquilamente. Trago a descrição do RELATÓRIO 3 e 5:

Na aldeia as crianças têm uma forma de ensinamento um pouco diferente. Lá elas estão em contato com familiares e até mesmo com o Cacique, todos em um mesmo ambiente. Eles não precisam pedir para sair da sala, somente saem fazem o que tiver de fazer lá fora e depois retornam sem atrapalhar em nada os professores. Muitos na

hora do intervalo vão em suas casas, pois todos moram perto da escola, isso é algo muito interessante, pois não há muros para aprisionar na escola. (RELATÓRIO 3)

Um momento que me chamou bastante atenção é que um aluno pode entrar em outra sala a qualquer momento da aula sem ser interrompido. Por exemplo, uma criança do primeiro ano pode entrar na sala do terceiro ano ou vice-versa que não atrapalha. (RELATÓRIO 5)

Em nossa segunda visita, o professor/orientador propôs-nos sorteio para que dois discentes do estágio pudessem lecionar a disciplina de Matemática, em conteúdo proposto pelo professor da instituição indígena. Porém, duas alunas da turma de estágio se ofereceram para manuseio das atividades da área do conhecimento citada. A disciplina foi trabalhada da seguinte forma: utilizaram uma roleta de multiplicação, na qual os alunos tiveram experiência lúdica, aprendendo, descontraidamente, e, como incentivo, a cada acerto era dada uma balinha. Proposta esta que foi criticada pelo professor/orientador, devido à ênfase no trabalho, no caso, determinada psicologia da educação, atravessada pelo *estímulo e resposta*. Dois relatórios escreveram sobre este acontecimento em sala de aula:

Na sala os colegas trabalharam a disciplina de Matemática com os discentes indígenas, utilizando uma brincadeira que pudessem descontrair os discentes, e quando os mesmos acertavam ganhavam uma balinha. No entanto, não trabalharia desta forma, pois, os alunos só focariam na recompensa e não na aprendizagem. (RELATÓRIO 2)

Na escola foi trabalhada a disciplina de Matemática e o conteúdo era de multiplicação. Na sala foi elaborada uma atividade lúdica, onde os alunos tinham que girar uma roda que tinha tabuada de multiplicação, em seguida quem respondesse corretamente ganhava uma balinha, mas esta forma de trabalho não agradou a todos o que gerou muita crítica em relação a esta aula. (RELATÓRIO 7)

Depois disso, deu-se, encaminhamento, a certa atividade no quadro de questão-problema. Para melhor desenvolvimento, o professor/orientador indicou-nos que criássemos diferentes formas de resolução de determinada conta. Os discentes do estágio elaboraram, então, a situação inversa de multiplicação e, no final fizeram uma tabuada de multiplicação no quadro, onde todos tiveram um breve entendimento e resolveram a atividade que tinha sido proposta. Foi uma experiência riquíssima, pois saímos de nossa realidade para observar outra, que não é muito distante da nossa.

Depois, desse momento, ocorreu nossa terceira reflexão, onde praticamos uma ação em sala de aula, em seguida, refletíamos sobre o que tinha sido feito, lecionando, ou seja, contaríamos para nossos colegas acadêmicos as experiências adquiridas no estágio na Aldeia Porteira.

Em continuidade, à exposição dos relatórios, conduzo-me para a última etapa da turma de concluintes 2018/2.

4.1.1.3 A terceira e última etapa do estágio: escola do campo

A terceira e última etapa do Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizou-se em parceria com a Escola Municipal Boanerges Moreira de Paula, localizada no Assentamento Brejinho. Antes de irmos à escola do campo, nossa turma foi dividida em dois grupos. Cada grupo realizou duas visitas.

A unidade de ensino recebe alunos das fazendas vizinhas e, do próprio Brejinho, onde se localiza a escola. No primeiro dia, observamos e conversamos com os funcionários da escola; tiramos dúvidas sobre o processo ensino-aprendizagem e o currículo da instituição; tivemos conversa informal com a diretora da unidade de ensino, à qual, informou-nos que a escola pelo período matutino tinha três turmas, com duas multisseriadas e, no turno vespertino, a segunda fase (6º ano ao 9º ano) e a educação infantil (pré I e II - multisseriadas).

Em seguida, a conversa foi com a professora regente da turma multisseriada de 1º e 2º ano. De acordo com ela, realizava-se, naquele momento, revisão de conteúdo, mas, não seguia o horário; pois, era para ter aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e História, porém, a professora lecionava Língua Portuguesa e Matemática. Obtivemos, então, o conteúdo para a docência da próxima visita e, que, nada mais era do que continuação do que estava em andamento, isto é, a verificação daquilo que já tinha sido trabalhado.

Devido ao grande número de estagiários da turma, a docência foi, somente, um dia. Elaboramos, coletivamente, o Plano de Aula (Português e Matemática), e, no dia do exercício em sala, foi escolhido quem efetuaria o labor educativo. Na aula de Língua Portuguesa, o conteúdo foi sobre os animais daquela redondeza. No primeiro momento, contou-se uma história para turma; em seguida, uma atividade, a qual, as crianças teriam que identificar os animais e seus nomes de acordo com a história contada. Nesse momento, a turma multisseriada, participou, ativamente, pois, a maioria conhecia os animais da região. Em alguns momentos do trabalho, a professora regente interveio, devido bagunça por parte dos estudantes, no instante em que o estagiário passou a tarefa de cada turma.

No segundo momento após o recreio, iniciou-se a aula de Matemática. O conteúdo produzido teve como foco principal a história das primeiras contagens, de como surgiu, como era utilizada, e como ela chegou da forma que nós conhecemos hoje. Para isso foi levado uma pequena demonstração de como era antigamente no surgimento da Matemática. As primeiras

representações matemáticas foram através de ossos de animais grandes, pedras de cores diferentes, cada uma com um significado e cordas. Os alunos tiveram o contato com essas representações, produzidas por nós, acadêmicos. Enquanto a história era contada os alunos observavam o material; alguns ficaram com nojo do osso e, não quiseram pegar, mesmo higienizado.

Os alunos do primeiro ano estavam aprendendo a identificar os números e a contar de 1 ao 5; por isso, a tarefa designada era desses números, onde eles tinham que descobrir e escrever outros na frente. Esse processo da docência, numa sala multisseriada, foi uma nova experiência que enriqueceu bastante o nosso conhecimento e a nossa forma de se posicionar em sala. A parte ruim desse estágio na zona rural foi devida o pouco tempo, assim como nos outros lugares de estágio, pois, nesse processo os estagiários da turma precisam atuar.

Após o término, reunimo-nos em sala, onde o professor/orientador fez observações e agradecimentos à escola, e, afirmou que o estágio necessitaria de mais tempo, para que todos tivessem uma visão ampla do que se trata realmente. Desse modo, finalizamos o nosso Estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Contudo, foi de grande valia esta experiência, pois, não imaginávamos o exercício que se efetiva em trabalhar o processo ensino-aprendizagem para duas turmas juntas, no caso, primeiro e segundo ano na parte da manhã e, na parte da tarde, pré I e II. Nas turmas multisseriadas os alunos, em sala, eram divididos, como descreve o RELATÓRIO 1:

Quando chegamos à sala de aula os discentes estavam sendo organizados por turma, onde, o 1º ano sentava em duas filas do lado da janela, e o 2º ano em três filas do lado da porta, assim, segundo a professora ficava mais fácil de ministrar aula, e desenvolver as tarefas. A professora tinha que elaborar dois planos de aula. (RELATÓRIO 1)

E, como contribuição, os RELATÓRIOS 2, 5 e 8, trazem mais informações sobre o formato multisseriado:

O ensino multisseriado, consiste em um ensino com turmas de ensino fundamental, onde o professor tem por missão, dar suas aulas para turmas simultâneas com nível de aprendizado diferente, onde esse tipo de ensino na teoria é tido como algo fácil, porém na prática essa realidade muda, pois as complicações são grandes, diversos fatores contribuem bastante para com que o professor tenha uma grande dificuldade e desgaste em ensinar os alunos e com isso também dificultando o aprendizado dos alunos, pois acaba tendo contato com materiais de outra turma. (RELATÓRIO 2)

Ao chegar à escola fomos direcionados a uma sala, onde tiramos algumas dúvidas de como iríamos trabalhar naquela instituição, e de como funcionavam as aulas. O que nos chamou atenção foi [*sic*] as turmas multisseriadas, turma está que continha duas turmas em uma única classe. (RELATÓRIO 5)

Ao me deparar com uma turma multisseriada entrei em pânico, pois nunca tinha visto algo assim onde o profissional da educação tende a ministrar aula para duas turmas diferentes, sendo dois conteúdos, duas explicações, dois planos de aula. E isso acontecia de uma forma que não poderia haver conflito. (RELATÓRIO 8)
7713

No transcorrer dos relatórios vimos que, não houve preocupação referente às escolas que tinham turmas multisseriadas, ou melhor, nenhuma suspeição. Todavia, as dificuldades encontradas com estas classes, originam-se da falta de informação referente ao âmbito escolar rural na universidade.

No referente ao material didático, a diretora relatou que o conteúdo não se vinculava a realidade dos camponeses, ou seja, não era voltado para a formação da população campesina considerando sua cultura, valor e história. Como esclarece o RELATÓRIO 4 e 6

Portanto, na educação do campo, é preciso levar em consideração a diversidade existente nos espaços rurais, contemplando no currículo escolar as características de cada local, bem como os saberes ali presentes. A resolução do CNE/CEB nº 2, de 28 de abril de 2008 estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. (RELATÓRIO 4)

Esta experiência nos proporcionou conhecer a realidade de uma escola do campo, a mesma tem uma boa infraestrutura, com salas climatizadas, porém a biblioteca possui pouquíssimas obras para as crianças lerem. Não possui quadra, ou seja, os alunos brincam ao redor da escola. O livro didático deixa a desejar, é um livro direcionado a educação do campo, porém não condiz com a realidade local. (RELATÓRIO 6)

Com isto, nossa última etapa do estágio foi concluída, mostrando-nos que o imenso território brasileiro nos faz pensar e experimentar diversas realidades, pois, são várias culturas, línguas, costumes num só País.

Após a exposição da experiência da turma de concluintes de 2018/2, desloco-me à experiência de estágio da turma de concluintes de 2019/2.

4.2 Turma 2019/2

O Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no *Campus* Universitário de Miracema/UFT, para os alunos do 6º período de 2019/2 do curso de Licenciatura em Pedagogia foi organizado em três etapas: na área urbana, indígena e rural, com o objetivo de enfatizar a aprendizagem em vários pontos do ensino, impondo, assim, crítica na prática e conhecendo a realidade concreta de cada segmento educacional.

Seguindo a pesquisa, a coleta de dados feita no Setor de Estágio, mostrou que a turma de 2019/2 era composta de 25 discentes, tendo em vista que 15 fizeram o relatório de estágio em dupla e, 10, individualmente.

A parte que se refere o estágio para a turma 2019/2 começou com a disciplina “Projeto de Estágio”, onde no primeiro dia de aula houve leitura coletiva do texto de estudiosa sobre o trabalho com o processo ensino-aprendizagem, especificamente, o Estágio Supervisionado. Logo após, o professor/orientador propôs à turma que apontasse o principal problema da educação. Nesse momento, observaram que a dificuldade maior da educação é a leitura e produção de texto como escreve o PROJETO DE ESTÁGIO 1 e 2:

O estágio da minha turma se deu início ainda na elaboração do Projeto de estágio com a escolha do texto Freitas (2016). Tínhamos que ler e encontrar a maior dificuldade encontrada na educação, só que quanto mais líamos o texto, não tínhamos entendimento sobre ele. Fazendo assim, com que percebêssemos que a dificuldade maior na educação era de leitura e produção de texto. (RELATÓRIO 1) O texto de apoio foi de Freitas (2016), várias tentativas de leitura foram realizadas, mas todas sem sucesso. Neste movimento, pude observar a dificuldade que ainda existe para se realizar uma leitura correta, mesmo estando a poucos passos para ensinar aqueles que precisam aprender. Foi partindo desta problemática que delimitamos nosso objetivo de estágio: a leitura e produção de texto. (RELATÓRIO 2).

Em seguida, foi proposto à turma que elaborasse um memorial sobre a vida escolar e de como se deu o processo de aprendizagem da leitura e produção de texto. O objetivo era de os discentes relatassem suas vidas escolares, desde o ensino fundamental até a graduação no curso de Pedagogia. Em confirmação da importância da memória, uma estudiosa: "A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (CHAUI, 2002, p.161).

Deste modo, o memorial é uma forma de (re)pensar como se opera o ensino nas escolas públicas, e a forma fragilizada que a educação chega às crianças gerando uma sociedade adulta de analfabetos funcionais. Além do memorial, a turma desenvolveu estratégias para a prática da leitura e produção de textos com vistas à superação das dificuldades vividas em suas formações.

Em seguida, a turma de 2019/2 leu duas dissertações do curso de Pedagogia do *Campus* de Universitário de Miracema/UFT, com o objetivo de elaborar resenha crítica das autoras: Silva (2014) e Oliveira (2018), que, fizeram de suas experiências do Estágio Supervisionado, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Traçou, também, objetivo em relação ao estágio e quais metodologias usariam para a elaboração dos planos de aula, com base em Freixo (2019).

Por fim, fizeram relatório de como ocorreu a disciplina, expondo suas práticas nas instituições visitadas. A seguir, movimento-me para os relatos das experiências no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

4.2.1 Relatos das experiências no Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

4.2.1.1 A primeira etapa do estágio: área indígena

As primeiras experiências da turma foram na área indígena, em escola localizada na Aldeia (Xerente) Porteira, no município de Tocantínia – TO, denominada Escola Estadual Indígena Srêmtôwe. Assim como a turma de 2018/2, ela foi dividida em dois grupos e, cada grupo realizou duas visitas.

No primeiro dia, os discentes já notaram que somente dois dias não eram suficientes para conhecer o âmbito escolar indígena como escreve o RELATÓRIO 5:

[...] Foram dois dias nesta escola, pouco na quantidade de dias e pouco para garantir bases sólidas na formação. Por outro lado, o suficiente para perceber que o contato com a escola - professores e crianças indígenas - era de fato necessário. Mesmo com o tempo limitado, foi possível obter experiências positivas em minha formação. (RELATÓRIO 5)

Nesta etapa, os estagiári@s descobriram que as crianças são alfabetizadas em sua língua materna, o Akwê-Xerente e, os professores são todos indígenas. A instituição indígena opta pela língua indígena e professores indígenas para manterem a cultura, em priorização, assim, da sua realidade. Como alega o RELATÓRIO 8: “Compreendo que, priorizar a língua indígena e professores indígenas é muito mais que respeitar, é valorizar a cultura ali presente e reconhecer que a criança deve ser pensada dentro da sua realidade”.

Na regência, @s acadêmic@s observaram o trabalho de colegas de sala que pertencem à etnia Xerente. A turma ficou dividida da seguinte maneira: três discentes foram para a sala do 3º ano e o restante dividiu-se entre 4º e 5º ano.

Como proposto pelo orientador da disciplina de estágio, @s estagiári@s privilegiaram a temática do Projeto de Estágio: leitura e produção de textos. Para isso, utilizaram o texto “Por Redação (2019”, em diversas áreas do conhecimento, como: Língua Portuguesa, Ciências, Geografia, Matemática e outras. Noutras palavras, a partir desse documento, o trabalho d@s estagiári@s foi, então, interdisciplinar.

A maior dificuldade do exercício com o estágio foi a língua; todavia, @s colegas indígenas traduziam, pausadamente, em vista, ao entendimento. Assim expõem o RELATÓRIO 3 e 5:

O pouco tempo nesta escola foi significativo para compreender que qualquer criança precisa ser considerada em sua particularidade. Mesmo diante de todo esforço das crianças em aprender e, dos estagiários, em ensinar, ainda assim, apresentavam dificuldades em compreender, em assimilar aquilo que estava sendo exposto. A dificuldade também era visível para mim, acredito que para as outras estagiárias daquela turma, em nosso caso, a dificuldade em ensinar, em nos fazer ser entendidos. Acredito que um dos maiores contratempos neste caso foi a falta do domínio da língua. (RELATÓRIO 3)

Confesso que fiquei confusa e bastante perdida, pois, eles estavam falando sua língua materna o Akwê-Xerente. Devido eles não entenderem muito o que eu dizia o nível de aprendizado não foi bom quanto eu esperava. No entanto, percebi que a dificuldade que passei na escola indígena é a mesma que eles passam quando vem para o meio urbano. (RELATÓRIO 5)

Na citação do RELATÓRIO 5 vimos que, além da dificuldade da língua para trabalhar o processo ensino-aprendizagem, @ acadêmic@ percebeu que os indígenas passam por isto todos os dias, pois, na escola indígena segundo a coordenação, oferece, somente, o Ensino Fundamental. Isto faz com que estas crianças ao virem para o meio urbano, onde a língua dominante é o Português, gera incompreensão da população e, tacha os indígenas de ignorantes, sem saber que é por conta da comunicação que se fez presente, principalmente, na Escola Indígena.

Dirijo-me, a seguir, à segunda etapa do Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: área urbana.

4.2.1.2 A segunda etapa do estágio: área urbana

Nesta segunda etapa, a experiência da turma 2019/2 foi na área urbana, em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Martins Nolêto, localizada no Setor Universitário, na cidade de Miracema do Tocantins – TO. Foram quatro dias de trabalho com o processo ensino-aprendizagem e, diferente da escola onde iniciaram o procedimento de estágio, aqui, as turmas contavam com duplas para a regência. Segundo o RELATÓRIO 7, a estrutura da escola era da seguinte forma:

Oferecia três modalidades de ensino: a educação infantil, os anos iniciais do ensino fundamental e a EJA. A mesma [sic] conta com 352 alunos matriculados e 15 professores. A escola atende alunos que moram nos bairros próximos sendo que, a maioria desses alunos vem de família pobre, e muitas vezes desestruturada.

Ou seja, escola não difere da maioria das escolas públicas urbanas e, nela vemos o retrato da educação brasileira, no referente à aprendizagem. Para reafirmar tal colocação cito o RELATÓRIO 4:

Durante a observação nesta escola, a aula já inicia em meio à euforia e algazarras, o professor entra, senta e pede que abram o livro em uma determinada página para escreverem o exercício, logo em seguida, as crianças que nem chegaram a um estado de concentração deixam de “copiar” e vão até a quadra para participarem de momento comemorativo. Quando voltam à sala, outra professora continua o trabalho, mas agora com outro conteúdo, ela segue na mesma linha do professor anterior, pede para abrirem o livro e mais uma vez copiarem, as crianças se perdem entre o obedecer, ir à mesa do colega e jogar conversa fora, vez ou outra a professora circula na sala. Minutos depois vem o lanche, nova pausa, e antes que o dia termine, mais uma vez a aula é interrompida, desta vez para o programa realizado na escola chamado: Proerd. (RELATÓRIO 4)

Penso que as escolas vivem uma cultura equivocada que perdura como um círculo vicioso. Refiro-me aqui da cultura da não valorização do aprendizado, a má formação profissional que, entra diretamente nesta questão, e, que recai sobre o estudante de forma drástica.

Em continuidade as experiências, @s estagiári@s de 2019/2 trabalharam com leitura e produção de texto e operações matemáticas. No entanto, no RELATÓRIO 2 relata que:

Crianças não conseguem estruturar o pensamento para formar um texto, e da mesma forma, não conseguem escrever de forma clara, usando uma escrita legível, respeitando os padrões da língua. A leitura é desatenta e vai em dois extremos muito rápido ou muito devagar. Nesta escola foi bastante nítida tal situação. (RELATÓRIO 2)

O trabalho com a leitura e produção de textos foi uma aproximação com a real situação do ato de ensinar, pois, segundo os documentos/relatórios das turmas, metade das crianças participava e contribuía com as atividades, a outra metade demonstrava o desinteresse inclusive na fala. No entanto, os acadêmicos não culpam os discentes, por conseguinte, estas crianças são o reflexo daquilo que já fomos um dia ou ainda somos.

Encaminho-me para terceira e última etapa do Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: escola do campo.

4.1.1.3 A terceira e última etapa do estágio: escola do campo

A terceira e última unidade educacional do estágio está localizada no Assentamento Brejinho, na Escola Municipal Boanerges Moreira de Paula. Antes de irmos à escola do campo, nossa turma foi dividida em dois grupos e cada grupo realizou duas visitas.

A escola do campo, segundo os documentos/relatórios, assemelha-se, bastante, com a escola da aldeia. Todavia, cada uma das unidades educacionais tem suas semelhanças e diferenças. A unidade educacional oferecia as seguintes modalidades de ensino: pré I e II e do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O conteúdo trabalhado na escola do campo foi o mesmo desenvolvido nas instituições anteriores do estágio: leitura e produção de texto e operações matemáticas. Durante a regência @s estagiari@s observaram, em alguns momentos, que algumas crianças não conseguiam resolver alguns dos problemas matemáticos, e, um caso, chamou-nos atenção: uma criança não conseguia escrever em seu caderno um pequeno texto. Com isto vemos que, ali, há “buracos” na formação, ou melhor, uma formação/educação limitada.

Após este momento, os discentes do estágio tiraram suas dúvidas em relação ao ensino do campo. Em seguida, conversaram com @s docentes, onde disseram que o conteúdo é trabalhado, porém, os estudantes estavam atrasados e, isso atrapalhava o exercício do processo ensino-aprendizagem. No entanto, ressaltaram que muitas crianças da zona rural ingressavam em cursos superiores, como Medicina. Como descreve o RELATÓRIO 7:

Foi em um destes momentos que um professor ressaltou que mesmo compreendendo que seus alunos estavam desenvolvendo bem alguns conteúdos, eles ainda estavam atrasados e que poderiam melhorar. Portanto, seu trabalho em prol disso, avançar cada vez mais, ressaltou ainda que muitos dos alunos da escola conseguem ingressar em cursos superiores, inclusive faculdade de medicina. (RELATÓRIO 7)

Neste momento, uma criança, no fundo da sala, levanta a mão e pergunta: “o que é endócrino?” Das quatro estagiárias, que estavam ali, nenhuma esclareceu o termo. Situações semelhantes a estas são muito corriqueiras e, cabe ao profissional preparar-se para os desafios e não deixar que uma criança retorne para sua casa sem as devidas respostas. E é com esta angústia que finalizo a experiência da escola Brejinho.

Após a exposição dos documentos/relatórios das turmas 2018/2 e 2019/2, desloco-me à etapa denominada de considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a experiência do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, propôs-se o trabalho com o processo ensino-aprendizagem, em áreas diferentes de ensino: Indígena, Campo e Urbana, na indicação que a educação está presente em tais espaços culturais; porém, o curso de Pedagogia, do *Campus* Universitário de Miracema, prioriza, quase sempre, somente, um lugar, no caso, a escola urbana.

Um aspecto que saliento desta vivência é a extrema importância que não só o estágio, mas, também, as disciplinas de metodologias e fundamentos terem contato direto com a prática em sala de aula. Desta maneira, provavelmente, adquiriríamos mais experiência no trabalho com as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Ressalto, também, a questão da dificuldade por parte d@s estagiári@s, no trabalho com o processo ensino-aprendizagem na Escola Indígena, pois, a primeira fase do ensino fundamental, realiza-se em língua Akwê-Xerente; e, que mesmo com a tradução d@s colegas da etnia Xerente, em transposição para as crianças, ocorria, problematicamente, pois, às vezes, uma determinava palavra não tinha o mesmo significado para elas, intrincando, assim, o trabalho para @s estagiári@s. Diante disso, percebemos, ali, a incompreensão da população em relação aos Akwê-Xerentes, tachando-os de ignorantes, sem saber que é por conta da comunicação que se fez presente, principalmente, na Escola Indígena.

Enfatizo, também, o impasse d@s estagiári@s com as turmas multisseriadas, exemplificadas, na Escola do Campo, em que, se trabalha, simultaneamente, com turmas de níveis de aprendizados distintos, com dois conteúdos e dois planos de aula. O que muitos pensam é que esse tipo de ensino é fácil, teoricamente; porém, na prática essa realidade muda. Todavia, os apertos encontrados originam-se da falta de informação referente ao âmbito escolar rural, no trabalho com o processo ensino-aprendizagem na universidade, uma vez que, quem se licencia em Pedagogia trabalhará em nossa região com este modelo de educação.

Outro aspecto que saliento é a relevância do acompanhamento por parte d@s docentes do curso de Pedagogia, que orientam o trabalho com o Estágio Supervisionado, visto que o estágio não é só o estagiári@ na prática, tem que ser acompanhado, em vista, à avaliação do trabalho. Todavia, aparenta-se que o estágio está separado da grade curricular do curso.

Após nossa trajetória como estagiári@s e segundo os documentos/relatórios da turma de concluintes de 2019/2, informo o quanto foi interessante conhecermos campos diferentes de educação; pois, hoje em dia, a maioria dos estágios é feito em escolas urbanas, o que fica

muito cômodo para quem se propôs ao trabalho com as crianças, em esquecimento, portanto, da vivência às varias realidades existentes no sistema educacional.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JESUS, Deuselina Ribeiro de. **O papel do estágio supervisionado na formação do pedagogo: limites e possibilidades**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Pedagogia/ *Campus* Universitário de Miracema, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEVES, Raimunda Claudia Loiola das. **Os desafios da práxis pedagógica: uma experiência com o estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Pedagogia/ *Campus* Universitário de Miracema, 2011.

OLIVEIRA, Bruna. **Experiência coletiva com o ensino em estágio supervisionado na área indígena no curso de pedagogia do Campus de Miracema do Tocantins - TO**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia/Licenciatura/Campus de Miracema do Tocantins/UFT, 2018.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROHDEN, Luiz. Sentido (s) da leitura hermenêutica-filosófica. In: CANDIDO, Celso; CARONARA, Carbonara. **Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar**. Ijuí Unijuí. 2004. p. 517-540.

SPADA, Ana Corina. O trabalho pedagógico da creche em busca de novos paradigmas. In: SPADA, Ana Corina; GONÇALVES, Luciano de Jesus; PASSOS, Vânia Maria de Araújo (Orgs.). **Educação Infantil e formação de professores**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.